



Universidade de Brasília

Instituto de Letras

Departamento de Teoria Literária e Literatura

TOMÁS ANTONIO SOUZA LEONES

**A Literatura Fantástica no ensino fundamental: um
caminho para o literário em sala de aula.**

Brasília

2019

TOMÁS ANTONIO SOUZA LEONES

**A Literatura Fantástica no ensino fundamental: um
caminho para o literário em sala de aula.**

Monografia apresentada a curso de licenciatura em Letras - Português e Respectiva Literatura da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Patrícia Trindade Nakagome

Brasília
2019

RESUMO

A falta de apreço pela Literatura é comum entre os jovens do ensino fundamental. Eles tendem a se sentir desinteressados por clássicos da literatura. Diante disso, o objetivo da pesquisa realizada é de usar a Literatura Fantástica como um instrumento estratégico, que possa ser capaz de despertar o interesse pela literatura e de cultivar o hábito da leitura. A forma de teste da hipótese são aulas lecionadas em uma escola pública do Distrito Federal de nível fundamental em que os alunos interagiram com a Literatura Fantástica.

Palavras-chave: Literatura. Ensino. Fantástico.

ABSTRACT

The lack of interest from teenagers towards Literature is common in Middle School. Juveniles tend to reject Classical Literature. Therefore, the goal of this research is to use Fantastic Literature as a strategic tool capable of catching the interest of the youth to literature and to improve their reading habits. This hypothesis was implemented on classes taught in a public Middle School of Distrito Federal in which students were able to interact with Fantastic Literature.

Key-words: Literature. Teaching. Fantastic.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	A PROBLEMÁTICA DO ENSINO DE LITERATURA	6
3	CONTEXTUALIZAÇÃO E METODOLOGIA.....	14
4	CONCLUSÃO.....	19
5	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	20
6	ANEXOS.....	21

1 INTRODUÇÃO

Tratarei aqui do problema do cenário literário nas escolas e a defesa de que é possível usar a Literatura Fantástica como uma estratégia capaz de atrair os alunos ao universo literário. A imaginação está presente nas nossas vidas desde a mais tenra idade. Imaginar aquilo que muitas vezes é impossível no mundo real devido às barreiras físicas é um dos aspectos que move o ser humano desde seus primórdios. Aqui defendo ser possível aliar essa prática humana ancestral à aquisição do conhecimento nas escolas por meio da Literatura Fantástica. É possível aproveitar todo o potencial criativo e fomentar a imaginação presente nas mentes dos alunos de forma a aprimorar suas competências cognitivas de leitura, interpretação e escrita.

A Literatura Fantástica possui uma característica interessante: não há filtros para a criação do autor. Os mundos desenvolvidos podem não ter correlação física exata com os exemplos reais aos quais as pessoas estão acostumadas no mundo real. A partir dessa característica é possível perceber de forma forte o caráter transpositor de barreiras físicas da Literatura. Presenciar o poder de viajar por esse ou outros mundos através das palavras, que genialmente colocadas, criam espaços imaginários.

A falta de interesse pela leitura e as rotineiras afirmações de que as pessoas não gostam de Literatura são extremamente comuns, principalmente entre a população mais jovem durante o ensino fundamental. O ensino de Literatura no ensino fundamental apresenta diversos fatores que ocasionam na falta de interesse por parte dos alunos. Há muitos aspectos que podem ser responsabilizados por esse fato, como aqueles relacionados à linguagem e também aos temas abordados. Esses dois aspectos podem se mostrar relevantes sobre como explorar a Literatura em sala de aula.

2 A PROBLEMÁTICA DO ENSINO DE LITERATURA

O mundo contemporâneo mostra-se como um universo de possibilidades, ainda que as pessoas enxerguem a impossibilidade de realização de todos os seus anseios. Em meio ao *marketing* agressivo e ilusório sobre estilos de vida, há algo urgente acontecendo: a sobrevivência em uma sociedade mercantilista onde o homem é marcado pela frequente perda de perspectivas. Essa sociedade que propõe diversos produtos com a propaganda de que as pessoas possuem livre arbítrio é a mesma que impõe padrões que limitam a criatividade das pessoas segundo normas sociais. A visão em um mundo mercantil se torna estreita, agentes sociais limitam horizontes e assim é possível imaginar a Literatura Fantástica como uma possibilidade. Através dela há espaços que podem ser ocupados por mentes inquietantes, mentes bloqueadas por pressupostos normativos e todo tipo de criatividade. Utilizar da Literatura Fantástica como um recurso pedagógico se faz necessário em um mundo repleto de mentes criativas que precisam apenas de apoio para florir.

As entidades de ensino que elaboram seus Projetos Político Pedagógicos incluindo a Literatura em suas bases são agentes importantes. Elas compactuam com a defesa da pluralidade nas formas de imaginar. A literatura leva à compreensão de outras formas de pensar e nesse século é aparente o apagamento e isolamento da abordagem literária nos materiais didáticos. A impressão que fica é de uma sociedade onde os detentores de poder buscam frear as pessoas comuns. Esses freios podem ser identificados em muitos exemplos, como o modo pelo qual o governo tem enfraquecido as instituições públicas responsáveis por incentivar a cultura e também pelos crescentes cortes orçamentários das bolsas de pesquisas científicas. A afirmação de que as pessoas não gostam de ler é comum e triste do ponto de vista do professor. Para falar a verdade, é triste sob qualquer ponto de vista, principalmente o do aluno. Aqui temos um detalhe importante: o aluno não percebe a negatividade do não gostar de ler, justamente porque o mesmo ainda nem mesmo pôde experimentar a gratificação dessa ação milenar e primordial ao crescimento.

O papel do docente como ponte intermediária entre o contato da comunidade de aprendizagem - aqui mais especificamente os estudantes do ensino fundamental - com a Literatura é muito importante para cultivar práticas educacionais que valorizam a cultura literária. Há um trabalho árduo a ser construído desde o letramento da comunidade que inclua diversas metodologias capazes de estimular o hábito da leitura. É de se pensar em sua propagação para além do ambiente escolar, mas que acabe por influenciar na vida das pessoas que convivem com os alunos. Essa ideia de propagação de conhecimento não é assunto novo. Ainda assim, mesmo com a ideia defendida por Antonio Candido de que todos merecem alcançar os cânones, é

preciso valorizar toda sorte de produção que tenha contribuído ao desenvolvimento das pessoas. Saber

admirar essas obras como Literatura e não as menosprezar é um assunto pertinente, pois toda obra literária merece seu devido respeito. O esforço que os autores colocam na produção literária deve ser apoiado.

Vivemos em mundo onde muitas vezes o fazer literário é popularmente encarado como um ato transgressor, caso a obra não atenda a critérios sociais abstratos de prestígio. É preciso então buscar formas de cultivar o surgimento de novos escritores com tudo que estiver ao alcance, pois até mesmo representantes governamentais podem remar na direção contrária. Exemplo recente dessa prática de retrocesso foi o veto presidencial ao Projeto de Lei 3073/11 que visa garantir espaço para novos escritores brasileiros. Felizmente depois houve votação na Câmara dos Deputados para a derrubada do veto. Ao longo do tempo, diversos autores tiveram seu trabalho desprestigiado como foi o caso de Carolina Maria de Jesus. Autora negra e nascida na favela do Canindé em São Paulo, teve seu trabalho literário reduzido a meros documentos sociológicos conforme aponta Barossi (2017, p. 28). A importância da ação do docente que utiliza literatura está, entre outras razões, em fazer crer no aluno que ele pode produzir literatura, independente de sua classe social. Nesse sentido, usar a literatura como mecanismo de ascensão social da comunidade de aprendizagem que busca a cada palavra ou texto lido, o crescimento.

É preciso enxergar essa intenção estrutural de apagamento da presença da literatura nos materiais escolares. Vivemos em um momento em que a globalização tem a possibilidade de tornar a literatura mais acessível para a comunidade de aprendizagem. O acesso à internet não compreende a maioria da população, porém as tecnologias como *smartphones* e computadores pessoais são mais presentes na vida dos brasileiros do que há quinze anos. É de se reconhecer que há agentes responsáveis por propagar o conhecimento, mas nos deparamos com um cenário escolar que não estimula o prestígio pela literatura, mas enfatiza olimpíadas de matemática. Assim, vivemos em uma sociedade que decide de forma abstrata as matrizes educacionais que são importantes ou não. Nesse momento é preciso enxergar de forma incisiva os agentes que tentam prejudicar o crescimento cultural de toda uma comunidade de aprendizagem que busca formas de ascensão mesmo com todos os empecilhos fornecidos pelas elites da sociedade. A saída foi, e sempre será a educação ascender social e intelectualmente. O trabalho dos agentes educadores que constantemente é colocado em xeque e à provas que muitas vezes são usadas para desqualificar toda a categoria nunca foi tão crucial e frágil ao mesmo tempo. Digo crucial na medida em que carregam uma responsabilidade natural da profissão e sobrecarregada por imposição social das elites que usam os agentes educadores como bodes expiatórios das obrigações governamentais. É frágil no sentido de que é necessário muito autocuidado por parte do profissional que se encontra em ambientes sem estrutura, sem apoio pessoal e com exigências ou metas desumanas para a realização de suas atribuições.

No Distrito Federal os professores contratados sob regime de quarenta horas semanais são colocados para lecionar durante vinte e cinco horas dentro de sala por semana. As salas são lotadas, gerando desgaste do professor e a impossibilidade de que alunos com dificuldade tenham atendimento adequado às suas necessidades. Além dessas vinte e cinco horas, os professores devem se desdobrar na tentativa de conseguir um planejamento de aula para cada turma, correções e reuniões burocráticas. Em outros Estados o cenário pode ser pior: os professores devem lecionar durante quarenta horas dentro de sala de aula por semana. Assim, esses professores devem planejar e corrigir seus materiais em casa, sem receber por isso. A formação dos professores no Brasil tende a ser guiada sob pressupostos que estimulam o reconhecimento dos alunos segundo suas características individuais e, portanto, devem receber tratamentos diferentes. O problema para a realização de suas atribuições de modo ideal é que as circunstâncias só poderiam permitir que uma máquina livre das barreiras físicas e emocionais as concretize.

O professor do ensino médio fica encarregado de uma das mais árduas tarefas: interiorizar o que aprendeu na universidade, mas, em vez de ensiná-lo, fazer com que esses conceitos e técnicas se transformem numa ferramenta invisível. Isso não seria pedir a esse professor um esforço excessivo, do qual apenas os mestres serão capazes? Não nos espantemos depois se ele não conseguir realizá-lo a contento. (TODOROV, 2009, p. 41)

O planejamento realizado pelo profissional docente tende a focar em obras de relevância curricular visando o cumprimento de atribuições profissionais que lhe são impostas e/ou sugeridas segundo os critérios pedagógicos de cada instituição de ensino. Geralmente as obras clássicas selecionadas - mesmo com seu potencial intelectualmente enriquecedor - por si só não são suficientes para integrar os alunos e os despertar interesse. É preciso cuidado para perceber que nem sempre uma obra genialmente elaborada funciona como uma fórmula universal capaz de atrair e de ser compreendida por todos os possíveis leitores. Além disso, mesmo um simples conto fictício escrito sem muita complexidade pode servir de fundamento literário para algumas pessoas.

Aqui defendo esses potenciais aprimoradores trazidos pela leitura como recurso de ensino para o ensino fundamental. Mais especificamente falando, da Literatura Fantástica como uma alternativa de ensino literário. Precisamos propagar e não deixar esquecer da ideia de que ainda existe esse problema no ensino público brasileiro: as queixas de que as pessoas não gostam de ler. Falo como um daqueles que já afirmou essa sentença em algum momento da vida e que presenciou o compartilhamento desse sentimento por outros. Somente ao fim do ensino médio que houve o amadurecimento da ideia de que deveria selecionar algo que eu gostasse de ler. Começando por obras citadas em ementas de processos seletivos por mera obrigação e depois por conteúdos

fantasiosos como universos inventados. Ao refletir sobre isso, foi possível perceber que a partir da busca por entretenimento havia um gênero que comumente sanou esse desejo em busca: o fantástico. Aos poucos as minhas referências literárias cresciam em meio ao gênero, assim como muitos outros jovens do século XXI. Encontrei um vasto universo literário fundamentado por obras eternizadas por escritores como J. R.

R. Tolkien e C. S. Lewis e outros contemporâneos como As Irmãs Wachowski e J. K. Rowling. Esse vasto gênero possui um caráter libertador: abarca histórias com espaços e tempos criados por mentes que não se limitaram a produzir assuntos sob regras socialmente aceitas ou esperadas.

A leitura de obras escritas por autores como os citados é gratificante porque nos leva a conhecer coisas inéditas. Elas exibem momentos em similaridade aos turbilhões de expressões que borbulham nas mentes a todo instante por natureza. Ali não há a preocupação sobre o que está sendo escrito ou se o leitor conseguirá compreender. Considero essas obras como a transcrição de pensamentos sem rótulos, capazes de descrever emoções individuais que podem já ter sido imaginadas em outras mentes ou que podem possuir características genuinamente inéditas. É de se imaginar que a produção dessas obras pode ser realizada sem planejamento estético, conforme é proposto por Northrop Frye.

O autor literário não vai dar informações nem sobre um tema nem sobre seu estado mental: ele vai, sim, tentar deixar que alguma coisa adquira uma forma própria - quer seja um poema, uma peça, um romance, o que for. Por isso é que não se pode produzir literatura voluntariamente, da maneira como se escreveria uma carta ou um relatório, Pelo mesmo motivo não adianta pedir a um poeta que mude seu jeito de escrever para que se nos torne mais compreensível. O escritor literário só consegue exprimir aquilo que adquire forma em sua mente. (FRYE, 1994, p. 39)

As crianças carregam picos de estímulos criativos desde os primórdios do desenvolvimento humano. Crescem e se desenvolvem através do modo como veem o mundo e como o compreendem. Evoluem cantarolando sons na tentativa de aprender seu idioma, riscando paredes com giz de cera e conversando com seres inanimados. A infância no ocidente é marcada pela presença de obras infantis que cultivam a imaginação: as fábulas. São apresentadas diferentes fábulas cheias de misticismo e invenções que ajudam nos processos de entretenimento e letramento. Assim elas crescem com uma dualidade ótica na formulação de ideias e conceitos. Alcançam resultados interpretativos de acordo com aquilo que imaginam em suas mentes livres de filtros sociais e aquilo que as comunidades ensinam e estabelecem como coerente. Crescem então aprendendo que nem todas as ideias possuem garantia de espaço. Porém no imaginário ou mais especificamente na Literatura Fantástica (ainda que em tenra idade nem tenhamos noção dessa categorização) haverão espaços de expressão mais abertos.

Agora consideraremos aqui a imagem estereotípica de um aluno do ensino fundamental. Até poucos anos atrás os dispositivos tecnológicos como *tablets*, *smartphones* e microcomputadores eram pouco acessíveis. Nesse cenário a fantasia presente na vida das pessoas em grande parte era o reforço das ideias não palpáveis: brincadeiras, estórias, *role-playing games* de mesa e a Literatura Fantástica presente nos livros. Hoje os dispositivos tecnológicos estão se tornando mais acessíveis e populares. A Literatura Fantástica se torna cada vez mais presente e isso é um aspecto interessante que permeia a modernidade. São prateleiras de livros muito bem ocupadas, *fanfics* escritas, livros de jogos *online* com seus universos fictícios, plataformas de *streaming*, livros vendidos e baixados como *e-books*. Esses dispositivos são instrumentos que ajudam a produção literária de modo que possamos testemunhar a cada dia, novos mecanismos do fazer literário. Há um potencial democratizador, já que as pessoas podem se expressar de diferentes maneiras como propôs Antonio Candido.

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela. Isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. (CANDIDO. 2004, p. 176)

A afirmação de Candido reflete a ideia de reconhecer a literatura em suas diferentes formas. Isso permite que, através da literatura, as pessoas tenham um maior leque de possibilidades de expressar ideias e sentimentos. Na escola, as abordagens de gênero e tipo textual costumam incluir a maioria e/ou quase todos os gêneros mais comuns. São aulas sobre textos dissertativo argumentativos, expositivos, injuntivos e outros. Quando as aulas abordam a literatura, a presença dos textos narrativos é grande, seja em prosa, romance, novela, crônica, fábula ou conto. Durante meu percurso escolar, grande parte dos exercícios que envolvem a literatura foi uma experiência monótona e puramente expositiva. Os professores indicaram quais obras deveriam ser lidas e a forma de avaliação da leitura variou entre redações e resumos. A execução dessa avaliação nunca foi concreta. Sempre foi facilmente camuflada através de recursos como buscas na *internet* para que qualquer um que não tenha lido a obra consiga responder a contento. Desse modo temos um cenário em que as partes envolvidas não se aprofundam nos objetos de estudo. O cenário é crítico: a maioria não consegue, de fato, lidar com as obras. Ao refletir, percebemos que essa prática educacional serve apenas como um registro, mas não como um ensinamento a ser transmitido.

“Ora, a literatura, sabemos, existe precisamente enquanto esforço de dizer o que a linguagem comum não diz e não pode dizer. Por esta razão a crítica (a

melhor) tende sempre a se tornar ela mesma literatura: só se pode falar do que faz a literatura fazendo literatura. É apenas a partir desta diferença relativamente à linguagem corrente que a literatura pode se constituir e subsistir. A literatura enuncia o que apenas ela pode enunciar. Quando o crítico tiver dito tudo sobre um texto literário, não terá ainda dito nada; pois a própria definição da literatura implica que não se possa falar dela. (TODOROV. 2010, p. 27)

Assim, foi possível presenciar todo um processo que falhou em captar o interesse das turmas. Geralmente havia contextos descritos em linguagem antiquada que não mais se faz presente na vida comum. Servia como um forte obstáculo que quebrava o ritmo de leitura e compreensão, criando bloqueios nas pessoas que se sentiam incapazes de compreender algo. Aos olhos do leitor inexperiente, era como se a maioria das obras reconhecidas com prestígio fossem todas igualmente entediantes. A partir desse quadro surge a necessidade de se encontrar meios para se contornar o problema. O ensino de literatura nas escolas deve ser realizado como um trabalho de aproximação e acolhimento, como uma atividade individual e íntima onde cada um pode trilhar seu caminho a partir de sua visão de mundo. Entretanto, nos modelos reais o ensino de literatura demonstra lacunas não preenchidas. Entre todas as lacunas, pode-se citar que:

- 1) Os alunos afirmam não gostar de ler;
- 2) O material didático foca apenas em obras clássicas;
- 3) Falta tempo hábil de planejamento ao docente.

A primeira lacuna reflete um sentimento encontrado em números altíssimos em toda a sociedade. Essa é uma afirmação frequentemente usada pelas pessoas quando o assunto são os livros. Infelizmente o hábito da leitura ainda não faz parte do dia-a-dia de grande parcela da população. Isso pode refletir diretamente em relação ao pensamento crítico, capacidade de solucionar problemas e amplitude de vocabulário das pessoas. Tendo em consideração esses três aspectos positivos que podem resultar do hábito da leitura é possível concluir que a falta de estímulo surge, entre outros motivos, do medo de que a população se intelectualize.

A segunda lacuna corresponde a um obstáculo marcante nas obras didáticas: infelizmente há pouco ou nenhum espaço para obras locais e marginais nos livros escolares. Creio que todos devam se mergulhar no universo literário repleto de clássicos que moldaram a nossa história evolutiva, mas é preciso também dar espaço a novas faces. Defendo que o contato dos alunos com obras menos populares e talvez até com composições mais simples possa servir como um espelho que impulsiona a vontade do fazer literário nos alunos. Nem sempre a referência de construção escrita do cânone pode empolgar os alunos, mas servir como instrumento intimidador. Digo isso no

sentido de que alunos que não possuem um arcabouço gramático e vocabulário variado podem vir a sentir que não são capazes de construir obras interessantes.

A terceira lacuna é um ponto complicado. Como citado anteriormente, mesmo um excelente professor com extensa bibliografia tem dificuldades de planejamento por falta de tempo para isso. A solução mais concreta seria uma reorganização da rotina profissional elaborada e posta em prática pelos agentes governamentais. Como no presente não é possível contar com isso, muitos professores contornam a situação com horas extra e aqui nos deparamos com um problema ético e um episódio triste. O desejo de manutenção no mercado de trabalho força a categoria a condições de exploração.

Uma vez nomeados esses três problemas, é preciso pensar em como os superar. Uma possível saída à afirmação de que os alunos não gostam de ler seria a introdução a livros filtrados pelos gostos dos alunos sob intermédio do professor. O uso da Literatura Fantástica parte do pressuposto de que o modelo que tende a introduzir apenas obras clássicas nem sempre pode instigar o exercício literário. Sem pensar em quantidade de páginas, referência social do autor ou temática específica, mas em trazer assuntos que sejam de seus interesses. Em apenas alguns minutos é possível tomar nota dos interesses dos alunos de uma turma em uma roda de conversa. A segunda questão referente ao material didático pode ser suprido com materiais propostos independentemente dos livros didáticos obrigatórios. Geralmente os escritores amadores costumam ceder exemplares, vender por preços simbólicos e até mesmo visitar gratuitamente interessados em seus livros. Desse modo, não é preciso de muitos recursos para ceder espaço em sala para escritores locais. O último dos tópicos declarados está enraizado na rotina docente e sua solução está fora das possibilidades do próprio profissional. O que se pode pensar é em alternativas que venham a aliviar a carga horária propondo mais atividades de composição por parte dos alunos. Assim, o tempo gasto em aula e de planejamento de uma aula com construção textual pode ser reduzido.

Tendo como base todo esse pensamento que visa contornar as adversidades de ensino, os alunos do Cef Zilda Arns foram consultados oralmente em roda de conversa em relação ao que poderia lhes despertar interesse. Gêneros como o terror, mitologia e mesmo as fábulas foram os mais comentados. Considerando então esse público alvo, é preciso pensar em como selecionar o material literário para colocar em sala de aula para alcançar resultados positivos. É preciso considerar também que mesmo escolhendo obras parecidas com os temas comentados, pode ser que alguns não se atraiam tanto assim. Não estamos, então, tentando trazer soluções universais a problemas locais. Conforme propôs, “O trabalho de conhecimento visa a uma verdade aproximativa, não a uma verdade absoluta” Todorov (2010, p.27). É a busca por formas

de melhoria do ensino de literatura em sala de aula e assim a metodologia que usa a fantasia como instrumento pode se mostrar capaz de preencher essas lacunas.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO E METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada no Centro de Ensino Fundamental Zilda Arns localizado no bairro Itapoã no Distrito Federal. A centro de ensino foi selecionado por se encontrar fora do centro da capital federal. A ideia de trabalhar nessa localidade surge a partir do fato de que é uma comunidade que não recebe os mesmos recursos que outras escolas do Plano Piloto. Segundo os dados agregados por setores censitários / Censo 2010 do IBGE, o Itapoã possui renda *per capita* inferior ao Plano Piloto. Decidi então por buscar estratégias que possam ajudar de fato as comunidades que mais carecem de políticas de ensino efetivas.

Foi fundado em 2008 no bairro Cruzeiro, mas somente em 2010 recebeu da Secretaria de Educação do Distrito Federal um prédio próprio no Itapoã para realização de suas atividades. Possui um espaço amplo que inclui salas de aula, biblioteca, refeitório, pátio, 02 quadras cobertas de esporte, 01 pista de *skate* e 01 laboratório de informática. Em 2019 foi capaz de atender mais de 1900 alunos nos três turnos (matutino, vespertino e noturno). Ainda assim, a robusta estrutura física por si só não consegue suprir as necessidades da comunidade escolar que é atendida com menos funcionários do que a escola necessita. Durante a presença na escola, foi possível notar que o corpo docente é composto por colaboradores muito bem intencionados e engajados que tentam fazer o melhor possível dentro de seu alcance. A biblioteca da escola não possui funcionário fixo em nenhum dos três turnos de aula. Isso dificulta o acesso dos alunos ao acervo da escola e também bloqueia a possibilidade de haver um ambiente aberto à curiosidade dos mesmos. Os empréstimos de livros são realizados pelos professores durante as aulas de língua portuguesa quando ocasionalmente ocorrem na biblioteca. Considerando a gravidade do fato, a biblioteca foi selecionada como ambiente propício para as atividades elaboradas.

Os empecilhos reais são inúmeros como problemas de logística, estrutura e outros como em relação ao tempo de trabalho. A impressão de quem analisa por fora é de observar agentes educacionais que ali atuam pelo desejo de ajudar aqueles que precisam. Aqui esbarramos então em um ponto crítico. Mesmo que as pessoas tenham o desejo de ajudar, é preciso fazer com que o governo deixe de sobrecarregar os profissionais. O altruísmo não pode continuar a preservar as más condições de trabalho impostas aos professores.

Os alunos do Zilda Arns foram apresentados em sala ao conto “A Sétima Filha”, escrito por Braulio Tavares no livro *Sete monstros brasileiros*, de 2014. Braulio Tavares é um escritor brasileiro nascido em Campina Grande, município da Paraíba. Sua biografia envolve muitas produções na área da Literatura Fantástica Brasileira. Toques sombrios e de terror permeiam o conto que exhibe uma antiga lenda brasileira. Essa lenda diz

que quando uma família tem sete filhos, o mais velho, ou a mais velha, tem que ser padrinho ou madrinha do sétimo. Os personagens principais são a chamada Maria Dôra e seu marido Horácio. No conto, há o temor por parte de Maria Dôra de que acabe por virar lobisomem. O padre que a batizou estava sob investigação e assim os seus atos sancionados em vida poderiam ser invalidados. A escolha dessa obra se deu porque obras com situações dramáticas, com *suspense* e toques de terror são muito populares entre os alunos de ensino fundamental da escola. Eles costumam se entreter com os universos sombrios em busca de fortes emoções contempladas em obras como essa. Geralmente passam o tempo assistindo filmes, séries e animações, mas conforme alegaram em sala, não empreendem tanto tempo lendo livros.

A atividade foi realizada em cinco turmas, sendo duas de sexto ano e três de sétimo ano do ensino fundamental. Os alunos foram apresentados à obra, dividida pela metade. Assim houve três momentos de leitura para a primeira parte, depois houve uma pausa para discussão e por fim a leitura foi concluída. A primeira parte da leitura foi feita silenciosa e individualmente pelos alunos, segundo pelo professor e por último a leitura intercalada entre as vozes dos alunos e a voz do professor. A razão dessa organização foi para garantir que todos os alunos pudessem compreender a história com calma e para captar interpretações orais diferentes. A primeira abordagem serviu para aproximar os alunos da obra em relação ao seu tema, seu léxico e ritmo. Assim, mesmo aqueles alunos mais tímidos teriam tempo de se acostumar com a obra e evitar constrangimentos por dificuldades de fala.

A segunda etapa envolveu o professor como agente ativo e os alunos como agentes passivos. Assim o professor pôde indicar a velocidade adequada de leitura, entonação e pronúncias ideais que nem sempre são dominadas por alunos do ensino fundamental. O último período do processo foi organizado de forma a intercalar as vozes. O professor lia uma das falas e algum dos alunos lia outra até que todos tenham lido ao menos uma sentença. A conclusão do momento de ler a obra é que dessa forma foi possível garantir que o professor trabalhasse em parceria com a turma instigando a maior participação possível.

A partir da leitura da primeira metade da obra foi iniciada uma discussão sobre o texto. Para que nenhum aluno se sentisse isolado, a disposição da sala se deu no modelo de roda de conversa com as carteiras em forma de “U” na sala de aula. Esse momento foi importante para verificar como foi a compreensão do texto pelos alunos e se houveram dúvidas em relação ao vocabulário. O papel do professor nesse momento foi apenas de mediador, para que os alunos pudessem debater entre si. Algumas perguntas foram feitas pelo professor para fomentar a discussão sem que os alunos devessem necessariamente responder. São elas:

- O que acharam da história até o momento?

- O que vocês pensam que aconteceu depois?
- Quem são os personagens?
- Quais são as características dos personagens?
- Qual será que é o local em que tudo aconteceu?
- Poderiam escrever um fim para essa história incompleta?

Foi possível notar certa euforia por parte dos alunos em sala durante a roda de conversa. Além de fornecerem exemplos sobre o que ocorreu e aquilo que viria a acontecer, também alteraram as ideias conforme ouviam o ponto de vista dos demais. Após o momento de discussão e debate oral, os alunos foram pedidos a escrever em uma folha de papel. A intenção dessa parte era de estimular a criatividade, então foram instruídos a não se ater tanto a questões gramaticais, mas a pensar em produzir conteúdo. Sem quantidade mínima ou máxima de linhas, eles tiveram que redigir um final imaginário para a história que até então estava inacabada. Essa parte foi importante para que os alunos exercitassem a prática de transcrição de ideias. Quando todos haviam acabado de escrever, alguns voluntários se propuseram a ler suas criações.

A segunda parte da aula envolveu a repetição da estratégia de leitura em três etapas, conforme citado anteriormente. Essa parte foi interessante porque agora estaríamos nos deparando com o final criado pelo escritor em comparação aos finais elaborados por todos os alunos. Há de se pensar que do ponto de vista do aluno, pode haver uma certa pressão já que suas produções foram comparadas com um conto original publicado em livro. Esse exercício foi escolhido para cultivar a crença nas pessoas de que escrever e publicar um livro não é uma ação impossível. A ideia era fazer com que aos poucos os alunos compreendessem a estrutura do gênero textual Conto e que pudessem perceber sua capacidade de escrita. A sala, que continuou com as carteiras dispostas em formato de “U”, se mostrou propícia a mais uma roda de conversa. Então os alunos foram instigados a dialogar novamente e para ajudar, foram apresentados a seguintes questões:

- Gostaram da leitura desse conto?
- O que mais chamou sua atenção no fim original?
- Quais suas impressões sobre o fim original da história?
- Vocês preferem o fim que vocês imaginaram ou gostaram mais do original?
- Caso vocês prefiram seus próprios fins, que nome dariam a esse novo conto?

- O que pensam sobre a parte em que vocês incorporaram o papel de escritor e escreveram com base em suas ideias?

Nas turmas de sexto ano do ensino fundamental houve uma variação de histórias em dois sentidos. Alguns escreveram desfechos trágicos em que a lenda acontecia de verdade com o resultado de mortes. Alguns recortes: “possuída ela pegou a faca tacou no padre ela desmaiou e o padre morreu” (Doc 1), “ele chegou na floresta ele viu um monstro e ele já sabia que poderia ser sua Dora” (Doc 2) e “foi cazar outro padre para batiza-lá, é não deu tempo, e ela virou um lobizomem, deante do padre” (Doc 3). Foi interessante notar que as histórias criadas com fins trágicos em sua maioria tiveram maior duração do que as de finais felizes. Os alunos se mostraram extremamente empolgados em escrever esse tipo de final. Foi como confirmar que os alunos se sentiam mais livres em relação a escrita de conteúdos fantásticos, elaborando tramas longas e um pouco complexas até chegar aos períodos de clímax. Em sala de aula era possível notar a concentração em meio a risadas conforme as histórias eram criadas. Foi interessante notar a presença do fantástico nos desfechos criados assim como a continuidade de características como terror, suspense e mistério em um clima criado na obra original.

Outros escreveram afirmando que tudo não passava de uma mera superstição e/ou que os personagens viveram felizes para sempre, como nas fábulas infantis: “inventaram essa mentira para ela poder ser batizada e para dar medo no povo” (Doc 4), “e no final estava tudo certo ela não ia virar lobisomem” (Doc 5) e “ela então perguntou o porque das risadas ele disse que isso não passava de uma lenda” (Doc 6). Os textos criados com finais mais próximos do mundo real tiveram em sua maioria menos conteúdo do que os fantásticos. Foi impressionante detectar como alguns alunos - mesmo tão novos - escreveram com toques de racionalidade se distanciando da fantasia. Talvez seja possível concluir também que esse tipo de desfecho criado tenha relação com a falta de interesse pela literatura fantástica por parte dos alunos. Como docente, é normal perceber que nem sempre o método de aplicação possa despertar tanto a imaginação dos alunos. Independente disso é possível trabalhar a literatura, escrita e interpretação com o gênero. Mesmo as produções mais curtas e menos engenhosas tem a sua devida importância reconhecida.

As diferenças mais notáveis para com a escrita de todos os alunos é que no sétimo ano houve menor incidência de desacordos quanto a gramática normativa. Entre- tanto, a dificuldade de escrita não foi um grande empecilho para a transcrição de suas criatividade, que, em várias linhas, discorreram livremente conforme mentalizavam a história. Ainda que os vocabulários e técnicas de escrita sejam meio rudimentares, ler as produções foram experiências com mais fluidez.

Os textos do sétimo ano também tiveram uma pequena quantidade de referências sexuais. Alguns alunos indicaram que o trecho seguinte pode gerar compreensões subjetivas ao leitor com a descrição de uma mutação da personagem Maria Dôra.

“Alguma coisa estava vindo de dentro dela, e era em ondas, cada onda mais forte do que a anterior. E a cada onda ela se obrigava a segurar não sabia o quê, a refrear algo que fazia menção de transbordar e de inundar consigo mesmo as barreiras do “ão”. E quando veio então a onda mais forte de todas, ela se deixou levar, se deixou carregar, foi no bojo da onda que se espatifa de encontro aos recifes da beira do mar.” (TAVARES, 2014, p. 14)

Não foi possível prever essa interpretação dos alunos durante o momento de planejamento da atividade. Ao lidar com turmas tão novas, é preciso a noção sobre como filtrar o material para que não se quebre barreiras éticas e morais da comunidade de aprendizagem. Aqui percebemos um aspecto interessante: como a linguagem pode estimular a imaginação das pessoas. Nesse caso causou imaginações de caráter sexual. Em outros pode despertar interesses sobre misticismo e transmutação.

De modo geral a atividade foi interessante por prender a atenção de toda a turma. Desde aqueles que fizeram finais em sintonia com o final original até mesmo aqueles que bateram na tecla de que não havia nada de fantástico na história. A fantasia possui essa característica marcante de levar o leitor a obter diferentes percepções através das palavras. O processo de escrita por parte dos alunos foi muito importante para aproximá-los da noção de como se dá o trabalho dos escritores e de que eles podem praticar essa ação, seja um *hobby* ou mesmo um exercício profissional. Ao fim da atividade houve uma média de seis solicitações de empréstimos de livros da biblioteca por turma, o que me alegrou e também alegrou a professora efetiva responsável pela turma. Isso confirmou a hipótese da literatura fantástica capaz de despertar o interesse pela literatura. A atividade foi o exercício da transcrição de pensamentos que não obedecem às leis físicas que regem nosso mundo. Creio que o resultado foi positivo na medida em que estimulou os alunos através da literatura fantástica e que as histórias criadas confirmaram o potencial imaginativo presente nas pessoas. Ainda que tenha sido apenas uma atividade realizada, é de se pensar que o trabalho continuado durante um longo período letivo possa gerar frutos riquíssimos. A literatura fantástica segue então resistindo aos percalços do presente como forma de libertação criativa das pessoas.

4 CONCLUSÃO

Os desafios existentes no ensino de literatura persistem em conjunto a obstáculos estruturais da carreira docente. Entretanto, bons profissionais resistem e se fazem presentes para contornar as adversidades. Ainda que não se possa superar os problemas, a execução do trabalho docente engajado com a literatura continua. Os docentes seguem atenuando os cenários à espera de políticas governamentais que melhorem as condições de exercício da profissão. Muitas vezes a literatura levada a sala de aula composta por inúmeros alunos carentes tanto de bens materiais quanto de afeto pode ser um poderoso refúgio emocional. No caso da Literatura Fantástica, a pesquisa mostrou resultados positivos na medida em que reforçou a ideia do potencial imaginário presente nas pessoas. Em todas as turmas houve uma grande maioria interessada no ato criativo de imaginar novas possibilidades.

A Universidade de Brasília é uma instituição que ainda tem muito o que melhorar em relação a sua integração com a comunidade. É preciso pensar no retorno social que os estudantes a devem. Os futuros professores estão em uma condição de cidadãos privilegiados e podem pensar na comunidade que não tem a mesma oportunidade de enriquecimento intelectual. Pesquisas como essa que unem a formação do futuro docente na universidade ao trabalho em campo podem ajudar os indivíduos participantes e a sociedade ao aproximar o meio acadêmico ao restante da população. É preciso que o estudante de licenciatura esteja a par da realidade que o circunda e se capacite para lidar com obstáculos reais que ocorrem durante o exercício da profissão dos educadores. Dessa forma o choque de realidade entre a teoria estudada e a prática realizada não será tão forte, fornecendo melhores condições aos profissionais.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAROSSO, Luana. *(Po)éticas da escrevivência*. Estudos de literatura brasileira contemporânea, n.º 51, p. 22-40, 2017.

TODOROV, Tzvetan. *A Literatura em Perigo*. Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

FRYE, Northrop. *A imaginação educada*. Tradução Adriel Teixeira. São Paulo: Vide Editorial, 2017.

CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. 2.ª Edição. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução Maria Clara Correa Castello. 4.ª Edição. São Paulo: Perspectiva, 2010.

TAVARES, Braulio. *Sete monstros brasileiros*. 1.ª Edição. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

6 ANEXOS

Doc 1

Victor Kauan dos Santos e Matheus Costa e Marcus Felipe

6º C

A Sétima Filha

Continuação

No sétimo mês ela ficou possuída, o marido ficou assustado e chamou padre Bertino para vela, ele chegou preocupado e pegou a cruz gigante e água benta e sal e fez um círculo gigante e tacou água benta, ela na forma de lobisomem começou a chorar e falou

- Não me machuque sou eu, possuída ela pegou a faca tacou no padre ela desmaiou e o padre morreu, ela acordou normal e foi presa, o marido tirou e ela falou

- De novo, na próxima eu vou embora!

Doc 2

Ana Beatriz e Júlia Costa

7º B

Continuação da História (A Sétima Filha)

Narrador: Enfim a noite tão esperada faltava 3min para 12:00 e ela preocupada.

- Amor? Vou dormir, ta?

- Tá bom! Depois eu vou.

Ele deu um beijo na testa dela e saiu.

Narrador: São 12:00 ela viu que o namorado dormiu e decidiu ir pra floresta.

Chegando lá ela realmente se tornou um lobisome o marido acordou e viu que Dora não tava em casa e levantou desesperado e saiu a procura de Dora.

- Dora?

Quando ele chegou na floresta ele viu um monstro e ele já sabia que poderia ser sua Dora e ele foi pra casa com dora e a amarrou e no outro dia ela acordou em cima de uma cadeira e ficou se perguntando o que aconteceu.

Doc 3

Nome: Sophia Lorem e Viviane da Silva

7º C

Ela ficou com medo de virar um lobisomem, e foi procurar o padre que a batizou, e ele falou que não averia batizado ela, e ela ficou com muito medo que foi cazar outro padre para batiza-lá, é não deu tempo, e ela virou um lobisomem, deante do padre. E ele ficou muito assustado e acabou desmaiando de tanto susto!

FIM

Doc 4

Nome: Rebeca Vitória Lopes e Ana Paula Iasmim

Turma: 6º B

Português

Eu acho que isso não é verdade, inventaram essa mentira para ela poder ser batizada e para dar medo no povo. E é isso que achamos na história.

Doc 5

Willyano Lopes

6º B

Continuação

E no dia seguinte ela foi até a igreja falar com o padre mais quando ela chegou lá disseram que ele já havia morrido, e que não poderia ser possível tirar as suas dúvidas, e nisso ela ficou muito assustada e quando chegou a noite ela escutou sons de lobisomem, mas quando ela foi ver era o marido dela. Ela ficou brava, mais ele caiu na gargalhada e e ela teve a ideia de ir falar com sua mãe e no final estava tudo certo ela não ia virar lobisomem.

Doc 6

Raissa Souza

7º D

Continuação

No dia seguinte ela estava em seu quarto quando ouviu um som muito estranho ela então pensou que era um lobisomem pois o som era muito igual ao de um lobisomem quando foi ver era seu marido, ela ainda com muito medo começou a rir e foi passando os dias e anos eles então tiveram 7 filhos dora com muito medo de que seu filho virasse lobisomem resolveu falar com o padre ele então começou a rir ela então perguntou o porque das risadas ele disse que isso não passava de uma lenda.

=